

MST, ESFERA PÚBLICA E CIBERATIVISMO: um novo espaço para o debate

Lucas Milhomens

Mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação, pela Universidade Federal da Paraíba (PPGC/UFPB). Jornalista, pela Universidade do Tocantins (atual UFT), exercendo função de jornalista do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária do Amazonas (Incra/AM). Integrante do corpo docente da Faculdade Boas Novas (Manaus-AM). Integrante do Grupo de Estudos e Divulgação Científica (Gedic/UFPB) e do Grupo de Estudos Observatório Social (Gepos/UFAM). Contato: milhomenslucas@yahoo.com.br.

Resumo

O presente artigo tem a intenção de analisar três importantes e atuais temas: o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, a Esfera Pública Habermasiana e o Ciberativismo. Temas estes entrelaçados pelas condições históricas do Brasil e a tecnologia do mundo contemporâneo. Defendemos que o MST, herdeiro histórico dos movimentos sociais do campo possui uma importante forma de articulação e propaganda ideológica, exercida pela internet e suas ferramentas, que fazem do ciberespaço um novo tipo de Esfera Pública.

Palavras-Chave: MST. Ciberativismo. Esfera Pública.

Abstract

This article is intended to articulate and present three major topics: the Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra - MST, the Habermasian Public Sphere and Ciberativismo. Themes interwoven by these historical conditions in Brazil and the technology of the contemporary world. We believe that the MST, heir history of social movements of the field has an important form of ideological propagation and articulation, carried by the Internet and its tools of cyberspace, with a new type of the Public Sphere.

Keywords: MST. Ciberativismo. Public Sphere.

Um breve histórico

A reforma agrária é assunto antigo no Brasil. Tão antigo quanto difícil de solucionar. Ao longo da história, uma série de conflitos permeou a vida oficial (e não oficial) de nosso país. Muitos destes conflitos originados em áreas rurais, no campo. Desde a assinatura da Lei Áurea (em 13 de maio de 1888), com a dita abolição da escravatura, que o Estado Nacional tem as condições de redistribuir e redimensionar os espaços no Brasil, dividindo equitativamente nosso país e garantindo acesso à terra aos que não a possuíam, ou seja negros (ex-escravos) e pobres em geral, do final do século XIX.

Mais adiante, já com o Estado Novo Getulista, as mesmas possibilidades de uma reforma agrária ‘ampla e massiva’ são colocadas de lado em nome de uma elite conservadora e pouco receptiva as necessidades da grande maioria dos moradores e trabalhadores rurais sem-terra. Uma ampla massa que, desprovida de todas às necessidades básicas em suas regiões de origem, migra para os grandes centros urbanos sem condições adequadas para se manterem, formando as grandes periferias das metrópoles modernas de hoje.

É importante destacar também que outra chance histórica de se concretizar a reforma agrária no Brasil aconteceu no início dos anos 60 do século passado, quando o então presidente João Goulart anunciou que um dos itens das famosas ‘Reformas de Base’ seria a reforma agrária. Como é de conhecimento público e histórico o que aconteceu a seguir foi o Golpe de Estado elaborado pelos militares brasileiros (1964) com apoio incondicional dos Estados Unidos. Mais uma vez a reforma agrária não aconteceu.

Nos últimos vinte anos, as mais relevantes tentativas de se colocar em prática o que em quase todo mundo já foi feito, a reforma agrária, se mostrou possível durante o primeiro governo civil Pós-Ditadura, do ex-presidente José Sarney. Este convocou uma série de especialistas para elaborar o I Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA), feito no início da segunda metade da década de 80. Mais recentemente, já no Governo Lula, o segundo PNRA também foi lançado, ambos com significativos avanços, mas com grandes deficiências de implementação real de suas ações, o que significa dizer que a reforma agrária no Brasil, em pleno ano de 2009 do século 21, ainda não aconteceu.

Movimentos Sociais do Campo: o caso do MST

Falar de reforma agrária e não falar de movimentos sociais rurais é inconcebível. Ambos estão intrinsecamente ligados. Exemplos não faltam: Quilombo dos Palmares, um dos primeiros movimentos históricos de luta contra as injustiças do sistema escravocrata vigente; Canudos, de conotações messiânico-religiosas que também, ao seu modo, contestou o *status quo*; as Ligas Camponesas, movimento político-rural originário do nordeste brasileiro de grande relevância para a luta pelo acesso a terra; a luta de Trombas e Formoso, resistência e emancipação de um município no Centro-Oeste do país; a Guerrilha do Araguaia, movimento armado dos anos 70 que lutou contra a Ditadura Militar; e, mais recentemente, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, o MST.

O MST é herdeiro direto das Ligas Camponesas (anos 50 e 60), que mobilizaram o nordeste em prol da redistribuição de terras e inclusão social. Nascido no sul do Brasil, o Movimento logo tomou dimensão nacional e penetrabilidade na sociedade. Extremamente polêmico em suas ações reivindicatórias, muitas vezes fazendo uso da força (como a ocupação de latifúndios improdutivos, por exemplo), sua relação com a mídia tradicional¹ é conflituosa e crítica, o que gera uma imagem negativa do MST para muitos telespectadores e leitores, visto que o movimento fica associado à baderna e à invasão de propriedades produtivas. Em seu sítio na internet, o Movimento se apresenta como fruto de vários fatores históricos que possibilitaram a mobilização dos trabalhadores rurais:

Em janeiro de 1984 ocorre o primeiro encontro do MST em Cascavel, no Paraná, onde se reafirmou a necessidade da ocupação como uma ferramenta legítima das trabalhadoras e trabalhadores rurais. A partir daí, começou-se a pensar um movimento com preocupação orgânica, com objetivos e linha política definidos.

Em 1985, em meio ao clima da campanha "Diretas Já", o MST realizou seu primeiro Congresso Nacional, em Curitiba, no Paraná, cuja palavra de ordem era: "Ocupação é a única solução". Neste mesmo ano, o governo de José Sarney aprova o Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA), que tinha por objetivo dar aplicação rápida ao Estatuto da Terra e viabilizar a Reforma Agrária até o fim do mandato do presidente, assentando 1,4 milhão de famílias. Mais uma vez a proposta de Reforma Agrária ficou apenas no papel. O governo Sarney, modificado com os interesses do latifúndio, ao final de um mandato de 5 anos, assentou menos de 90 mil famílias sem-terra. Ou seja, apenas 6% das metas estabelecidas no PNRA foi cumprida por aquele governo (...) Hoje, completando 24 anos de existência, o MST entende que seu papel como movimento social é continuar organizando os pobres do campo, conscientizando-os de seus direitos e mobilizando-os para que lutem por mudanças. Nos 23 estados em que o Movimento atua, a luta não é só pela Reforma Agrária,

¹ Entendemos como mídia tradicional os maiores veículos de comunicação existentes no Brasil, da área impressa a radiodifusão.

mas pela construção de um projeto popular para o Brasil, baseado na justiça social e na dignidade humana. (MST,2008²)

O MST e a Comunicação: construção da Esfera Pública em Habermas

Exposto negativamente pela grande mídia, numa construção imagética que Habermas, ao citar os aspectos relacionados à Esfera Pública, dizia ser um “simulacro com funções de propaganda e caráter plebiscitário”, buscando consensos ou a minimização de conflitos através de uma opinião não-pública limitada, (que não faz reflexões ou debates), ou quase-pública, também limitada, (que participa de um processo de racionalização pública, institucionalmente autorizada, manipulada pelos fatos, informações ou notícias) sobre um determinado tema, no caso, as ações do MST. Neste sentido, Thompson (1998) tem a seguinte reflexão:

A mídia se envolve ativamente na construção do mundo social. Ao levar as imagens e as informações para indivíduos situados nos mais distantes contextos, modela e influencia o curso dos acontecimentos, cria acontecimentos que poderiam não ter existido em sua ausência. (1998, p. 106)

Os meios de comunicação de massa – conceito esse trabalhado na Indústria Cultural³ –, que noticiam assuntos públicos (como a questão da Reforma Agrária) de forma descompromissada com os interesses da maioria da sociedade (numa crescente ênfase ao entretenimento), não contribuem para a formação de uma opinião pública e falsificam os assuntos que nela são debatidos. Para Habermas (2003), Esfera Pública precisa ser necessariamente “uma rede para a comunicação de conteúdos, tomadas de posições e opiniões, onde os problemas elaborados pelo sistema político encontram eco”. (2003, p.188).

Para entender melhor a relação de um movimento social como o MST, e a teoria referente à Esfera Pública do alemão Jürgen Habermas, é preciso recorrer à *Mudança Estrutural na Esfera Pública* (1962), uma obra importante para a discussão sobre espaço público. De acordo com o livro, cidadãos que possuíam bens e formação acadêmica promoviam racionalização pública e crítica sobre temas de interesse comum, valendo-se para tanto de jornais periódicos que fomentavam e propagavam suas idéias. O ponto alto dessa

² Disponível em: www.mst.org.br. Acesso em 20 de fevereiro de 2009.

³ Conceito desenvolvido na Indústria Cultural (em alemão: Kulturindustrie), um termo cunhado pelos filósofos e sociólogos alemães Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973), membros da Escola de Frankfurt. O termo aparece no capítulo Kulturindustrie - Aufklärung als Massenbetrug na obra *Dialektik der Aufklärung* (em português: *Dialética do Esclarecimento*), de 1947. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ind%C3%BAstria_cultural. Acesso em 20 de fevereiro de 2009.

obra é a tese de que os princípios da esfera de debates foram corrompidos a partir do momento em que deixou de ser clara a divisão entre Estado e sociedade civil, onde a imprensa passou a servir a interesses comerciais de particulares. Poderíamos dizer que esses interesses comerciais servem a grandes conglomerados midiáticos, interconectados a outras grandes corporações das mais variadas espécies.

Mas Habermas, evoluindo em seus conceitos sobre a Esfera Pública, embasados principalmente no livro *Teoría de la acción comunicativa : complementos y estudios previos* (1997) , diz que a formação de opinião pública e seus consensos ou dissensos ocorre em diversas instâncias autônomas de debates e negociações entre atores da sociedade, que possuem importante papel reflexivo na produção de significados e de construção de identidades. Essas “esferas públicas” conformadas no interior de associações, formulam proposições que podem alcançar a “esfera pública geral”, a qual corresponde estruturas comunicacionais generalizadas, como a grande imprensa. Ou seja, as partes envolvidas, os movimentos sociais, enfim, todos os atores da questão agrária (trabalhadores rurais, associações e sindicatos) influenciam no processo comunicativo e, por consequência, na Esfera Pública ou, nas Esferas Públicas.

Neste sentido a formação inicial do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra tem um preocupação especial com a comunicação. Sua própria forma de organização obriga seus integrantes a aperfeiçoarem seus métodos de mobilização, e, conseqüentemente, interferir (ou formar) a opinião pública, (re)construindo sua imagem que se dá sob a égide da comunicação, como explica a pesquisadora Isabel Costa da Fonseca (2006) , em seu artigo *Estratégias de Comunicação do MST para se inserir na Esfera Pública:*

A comunicação é encarada pela organização como um instrumento para a formação de quadros políticos e a conquista de suas reivindicações. No documento Por uma política de Comunicação do MST, formulado em março de 1995, fica clara essa preocupação. No texto, é sugerida a criação de um coletivo que trate do assunto, define-se que a relação com os meios de comunicação seria feita por alguns dos dirigentes mais capacitados e orienta-se que todos mantenham bons contatos com jornalistas, além de indicar a produção de materiais de qualidade para serem divulgados. (2006, p.11).

O MST também criou em sua estrutura organizacional um departamento específico para tratar o tema, o Setor de Comunicação do Movimento, que organiza todas as ações ligadas à área e desenvolve projetos que procuram dar visibilidade ideológica à luta do Movimento. Dentre esses projetos podem ser destacados: o Jornal Sem Terra, existente há 22

anos, voltado para ações internas dentro dos acampamentos; a Revista Sem Terra, publicação com análises de intelectuais sobre a questão agrária, que tem como alvo principal integrantes da classe média, universitários, professores e a academia em geral; o Jornal Brasil de Fato, de abrangência nacional criado para ser um resumo semanal de notícias e análises brasileiras e internacionais sob a ótica do Movimento e da Esquerda brasileira. Ainda assim, pode-se mencionar o programa de rádio Vozes da Terra, que surgiu em 2000 e é distribuído para mais de 500 rádios comunitárias em todo o país – fruto de uma parceria com a Universidade Católica de Santos (Unisantos) –; e o sítio do MST (www.mst.org.br), com suas inúmeras ferramentas de divulgação e mobilização (agenda, loja virtual, biblioteca, spots de rádio, manifestos e artigos dentre outros), que está disponível em oito idiomas, além do boletim eletrônico MST Informa, produzido quinzenalmente e enviado a milhares de pessoas em todo o mundo.

Ciberativismo Sem-Terra (a nova Esfera Pública)



Figura 1 – Portal do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

Fonte: www.mst.org.br. Acesso em 13 de março de 2009

A partir dos anos 90 uma nova forma de atuação política cresceu profundamente em todo o planeta, forma esta que só foi possível por conta do crescimento e popularização das

Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs), ocorridos nos últimos vinte anos. A junção da atuação política (ou militância) exercida na era digital, com todas as possibilidades advindas da cibercultura⁴, gerou o termo que ficou conhecido como ciberativismo, conceituado da seguinte forma na Wikipédia, enciclopédia livre da Internet, construída coletivamente entre milhares de internautas em todo o mundo:

Na década de 90, a Internet chegou mostrando a facilidade de conectar pessoas diferentes em diversas partes do mundo e logo se tornou popular. A velocidade que as informações levam para ir de um extremo ao outro chamou atenção e despertou o interesse, incluindo o de ativistas que divulgavam suas idéias através de outros meios de comunicação (...) O Ciberativismo é uma forma de ativismo realizado através de meios eletrônicos, como a informática e a internet. Na visão dos que o praticam, o ciberativismo é uma alternativa aos meios de comunicação de massa tradicionais, permitindo-lhes "driblar" o monopólio da opinião pública por estes meios, terem mais liberdade e causar mais impacto (...) (WIKIPÉDIA⁵, 2008)

A militância cibernética se tornou uma das grandes ferramentas do MST, possibilitando atuações em várias frentes e espaços, conquistando, além do seu público tradicional (trabalhadores rurais e cidadãos do meio camponês), todos os interessados na luta pela Reforma Agrária, que se estende ao (des)território⁶ de áreas urbanas e rurais, articulados pela virtualidade, volatilidade e pluralidade, características seminais da cultura digital.

Amplia-se, nesse sentido, a “Caixa de Ressonância” que é a esfera pública política, enumerada por Habermas, dando “voz e microfone” aos que antes não o tinham. Dessa forma, cria-se uma nova Esfera Pública para o debate, uma “neo-arena” elementar na propagação e na defesa de opiniões contraditórias, muitas vezes em virtual confronto com os que antes detinham a concessão da informação: as grandes corporações midiáticas e seus parceiros ideologicamente comprometidos com suas linhas editoriais⁷.

Na mediação entre os impulsos comunicativos do mundo da vida e os domínios sistêmicos e institucionais, ganha relevo a noção de esfera pública política, “caixa de ressonância” na qual os problemas são percebidos, tematizados e dramatizados. Os movimentos de protesto, alimentados pelas reservas de racionalidade comunicativa, disputam visibilidade nessa esfera, tentando fazer com que suas reivindicações sejam identificadas como problemas e debatidas por públicos mais amplos do que os imediatamente envolvidos em suas questões. (HABERMAS, 1997, p.56).

⁴ A cibercultura é a compreensão do mundo sob a ótica digital. Todas as relações sociais, políticas, econômicas e culturais sofrem sua influência nas sociedades modernas atuais. Em outras palavras, é a digitalização da vida.

⁵ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ciberativismo>. Acessado 20 em dezembro de 2008.

⁶ Conceito de espaços de territorialização do geógrafo Milton Santos, que diz que os novos espaços territoriais não são mais formados por mera geografia, mas por um conjunto de afinidades culturais, políticas, econômicas e sociais.

⁷ No sentido que colocamos linha editorial nada mais é do que os interesses políticos e econômicos de um determinado veículo de comunicação.



O ciberativismo possibilita ao MST uma articulação em rede, descentralizada e colaborativa. Seus militantes interagem com indivíduos do mundo inteiro propagando suas idéias, realizando ações e pautando a sociedade (direta e indiretamente). O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra se apropriou das ferramentas disponibilizadas por este novo mundo interconectado, informacional e interacional.

A estrutura horizontal da rede viabiliza ao Movimento a propagação de suas idéias sem o filtro coercitivo da mídia convencional, que, além da parca divulgação de suas ações, manipula negativamente as notícias relacionadas ao MST.

A grande teia mundial de informação, articulada por computadores, mais conhecida como Internet, modificou a lógica de relacionamento entre os indivíduos e todos os setores da sociedade. Com a atuação política não foi diferente. Castells (2003) nos explica que, na verdade, toda a humanidade foi modificada com o advento e apropriação das TICs, tendo como esteio ou espinha dorsal a internet:

A Internet é o tecido de nossas vidas. Se a tecnologia da informação é hoje o que a eletricidade foi na Era Industrial, em nossa época a Internet poderia ser equiparada tanto a uma rede elétrica quanto ao motor elétrico, em razão de sua capacidade de distribuir a força da informação por todo o domínio da atividade humana. A Internet passou a ser a base tecnológica para a forma organizacional da Era da Informação: a rede [...] O ambiente de rede permite assim, a comunicação de muito com muitos, num momento escolhido, em escala global, a influência das redes baseadas na Internet vai além do número de seus usuários: diz respeito à qualidade do uso. Atividades econômicas, sociais, políticas, e culturais essenciais por todo o planeta estão sendo estruturadas pela Internet e em torno dela, como por outras redes de computadores. De fato, ser excluído dessas redes é sofrer uma das formas mais danosas de exclusão em nossa economia e em nossa cultura. (2003, p.210)

Com o MST não é diferente. Além das atividades relacionadas ao sítio do Movimento (já mencionadas anteriormente), é valorizada a participação em comunidades de relacionamento como *Orkut*⁸ e *MySpace*⁹, e inúmeros blogs e espaços digitais de discussão, o agendamento e articulação pelo ciberespaço (marcando atividades presenciais ou não), como, também, o ato trivial de mandar um e-mail para um contato ou em listas, feito por seus militantes e colaboradores.

⁸ Somente neste sítio existem 419 comunidades relacionadas ao MST, entre contrários e favoráveis ao Movimento. Pesquisa feita em 29 de dezembro de 2008.

⁹ O *MySpace* é o sítio de relacionamento mais popular do mundo, com cerca de 110 milhões de usuários em todo o planeta.

Uma outra ferramenta cibernética que vem sendo usada pelo MST com intensidade é o portal de compartilhamento de vídeos da internet YouTube¹⁰ (Figura2). Esse repositório audiovisual se tornou uma grande vitrine para as ações do Movimento. Somente com a sigla “MST” há, hoje, 4.850 vídeos postados (até o presente momento, 20 de fevereiro de 2009), com as mais variadas opiniões sobre a entidade, muitas delas alavancadas sob uma ótica “político-militante de esquerda”¹¹.



Figura 2 – Vídeo comemorativo em razão dos 25 anos do MST
 Fonte: www.youtube.com.br. Acessado em: 20 de fevereiro de 2009

Dentre as características deste portal de vídeos, uma chama a atenção: o elevado grau de interatividade entre seus usuários. Isso porque, não só existe o conteúdo audiovisual, como também se destina um sistema de comentários semelhante a um *blog*, onde os internautas podem emitir opiniões e interagir com quem postou o vídeo, ou mesmo com outros usuários que também comentaram neste espaço. Esta característica interacional, liberta das amarras e limitações da censura televisiva ou impressa (que vão desde a estrutura técnico-analógica

¹⁰ O YouTube é sítio mais popular do gênero da internet. Ele permite que seus usuários carreguem, assistam e compartilhem vídeos em formato digital. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/YouTube>. Acesso em 18 de dezembro de 2008.

¹¹ Aqui tomo a liberdade de englobar todos os grupos progressistas (denominados de esquerda ou não) existentes no Brasil e mundo.

fechada no quesito participação do leitor ou telespectador, passando pela linha editorial adotada pela empresa jornalística que coíbe opiniões divergentes), potencializa a troca de informação e a liberdade de expressão, conseqüentemente, amplia o debate sobre o Movimento e cria novas possibilidades (e vozes) ávidas por manifestar suas opiniões. É o conceito habermasiano de “Nova Esfera Pública” colocado em prática com o advento das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação.

Pistas para uma Conclusão

Nascido no bojo das lutas populares em favor da redemocratização no Brasil, no início dos anos 80, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra soube unir alguns fatores que o tornaram o movimento social mais conhecido na América Latina, e um dos maiores do mundo. Primeiramente fez da necessidade antiga e urgente de se realizar a reforma agrária no Brasil sua maior bandeira, arregimentando massas de excluídos do campo (e da cidade) por todo o país; Casou esta necessidade com um complexo e amplo sistema de ‘educação militante’¹², onde seus colaboradores participam de constantes treinamentos, capacitações, cursos, oficinas e até graduações e pós-graduações, objetivando a qualificação de seus integrantes; e, por fim, uniu todos esses fatores à mobilização da opinião pública, sensibilizando-a para sua luta, utilizando todas as ferramentas de comunicação que lhes estão disponíveis, e num lugar de destaque, as ferramentas oferecidas pela internet.

Mesmo não sendo Habermas um intelectual adotado como ideólogo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, sua teoria, no que se refere à Nova Esfera Pública, está radicalmente presente nas atuações do Movimento, principalmente em suas intervenções nos micro e macro espaços, disputando a hegemonia da informação (no sentido de diversificá-la) numa “ação comunicativa” que amplie o debate e potencialize as opiniões, antes órfãs de espaços plurais e interativos.

O ciberativismo praticado pelo MST é singular no que tange à sua origem: trabalhadores rurais das regiões mais pobres do Brasil. É um fenômeno comunicacional que continua conquistando mais adeptos dentro e fora do país, apesar das constantes e fortes

¹² Baseado em vários teóricos da Esquerda brasileira e latino-americana, mas, sobretudo, do educador pernambucano Paulo Freire.

críticas que recebe. É o único movimento social que consegue pautar a grande mídia sazonalmente, durante o mês de abril, no que ficou conhecido como o “Abril Vermelho”¹³.

Em pleno século 21, o MST consegue tornar uma luta secular – a luta pela Reforma Agrária –, uma bandeira viva na sociedade brasileira. O que não exclui as contradições do próprio Movimento, mas que o credencia como protagonista das batalhas travadas nas inúmeras esferas públicas, que vão desde a luta pela terra, numa ocupação em um latifúndio improdutivo, até as batalhas ideológicas, advindas de vários lugares como, por exemplo, os comentários feitos por internautas ao assistirem vídeos postados no *Youtube*, na imensa, plural e diversificada rede (ou nova esfera pública) que é ciberespaço.

Referências

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. A era da Informação: economia, sociedade e cultura; vol.01. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COMPARATO, Bruno Konder. **A ação política do MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

FERNANDES, Bernardo Mançano e STEDILE, João Pedro. **Brava Gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

FONSECA, Isabel Costa da. **Estratégias de Comunicação do MST para se inserir na Esfera Pública**. Puc-MG. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.2005.

GOHN, Maria da Glória. **Mídia, terceiro setor e MST: impactos sobre o futuro das cidades e do campo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

GOMES, Wilson. **Com Habermas, contra Habermas**. In: Anais do VI Encontro anual da Compós, São Leopoldo: Unisinos, 1997.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública – investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Tradução, Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

_____. **Teoría de la acción comunicativa: complementos y estudios previos**. Madrid: Cátedra, 1997.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo, Ed. 34, 1999.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Record, 2000.

SITES:

<http://www.mst.org.br>

www.youtube.com

<http://pt.wikipedia.org>

¹³ Abril Vermelho é a série de manifestações realizadas pelo MST todos os meses de abril. A data foi escolhida em homenagem a 19 sem-terra mortos no que ficou conhecido como o Massacre de Eldorado do Carajás, no sul do Pará, em 17 de abril 1996.